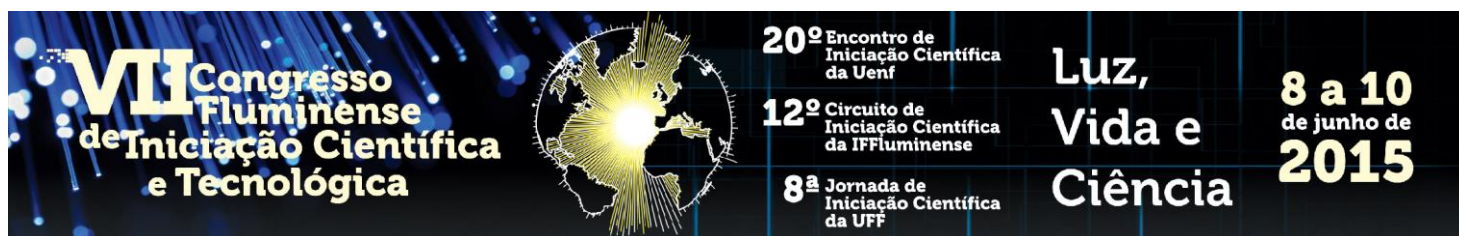


Práticas masculinas de autocuidado e a relação de homens com os serviços de atenção primária à saúde na compreensão de profissionais de Unidades Básicas de Saúde

Ana Carolina Caetano Tavares, Hellen Chaves Rabelo, Priscila Neves Moreira, Wayne Hamony Barbosa Santana, Sabrina Mantuan dos Santos Coutinho

Nas últimas décadas, vários estudos vêm sendo realizados com o intuito de favorecer a compreensão dos fatores envolvidos na maior vulnerabilidade do homem, e de contribuir para uma maior adesão masculina nas ações de saúde, sobretudo no campo da prevenção. Nessa perspectiva, o presente estudo buscou investigar junto a profissionais que atuam em Unidades Básicas de Saúde (UBS), no município de Campos dos Goytacazes/RJ, como compreendem as práticas masculinas de autocuidado e sua relação com os serviços da rede básica de saúde. O estudo está referenciado na Teoria das Representações Sociais, de Moscovici. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 24 profissionais que atuam em UBS, de ambos os sexos, sendo metade de nível técnico e metade de nível superior. Os dados foram organizados de acordo com a Análise Temática de Conteúdo, de Bardin. A idade dos profissionais de nível técnico variou de 20 a 52 anos, tendo como média 32 anos. A maioria dos participantes era do sexo feminino (07), solteira (05), católica (09), e o tempo de prática profissional variou de 1 a 19 anos. Já entre os profissionais de nível superior, a idade variou de 24 a 58 anos, com média de 33 anos. Nesse grupo, a maioria era do sexo feminino (09), casada (08), evangélica (06) e o tempo de prática profissional variou de 7 meses a 10 anos. Os dados indicam que, do ponto de vista dos participantes: 1) há diferenças entre homens e mulheres no cuidado com a saúde, pois a mulher é aquela que “se cuida” e “se previne”, ao passo que o homem não cuida da saúde, é desleixado; 2) a qualidade do serviço oferecido aos homens na atenção primária é ruim, e não existe nada específico para o homem, principalmente se comparado ao que é ofertado para as mulheres; 3) a “culpa” por não procurar o serviço de saúde é do próprio homem - poucos apontaram que as precariedades e limitações do serviço ofertado também atrapalham nesse processo de busca; 4) há necessidade de mais campanhas informativas sobre saúde masculina; 5) questões relacionadas às suas próprias práticas profissionais e ao cotidiano de trabalho não são fatores que interferem na busca masculina pelos serviços da atenção primária; 6) não há amplo conhecimento sobre a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem entre os profissionais. Acredita-se que os resultados poderão oferecer contribuições que permitam avanços teóricos e metodológicos no campo da saúde masculina.

Palavras-chave: Práticas masculinas, Representações sociais, Profissionais de UBS



Instituição de fomento: UFF; FAPERJ



INSTITUTO FEDERAL
FLUMINENSE



UENF
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro



Universidade Federal Fluminense